

# Echos de Guimarães

SEMÁNARIO MONÁRQUICO

Director e Editor, António Dantas

Redacção e Administração—Rua de Paio Galvão, 70

GUIMARÃES

Propriedade da Empresa

DOS

Ecos de Guimarães

Officinas de composição e impressão

Tipografia Minerva Vimaranesense

68, Rua de Paio Galvão, 72

GUIMARÃES

## TOMÁS ROCHA DOS SANTOS

Em carta que nos enviou, em data de 27 do corrente, participa-nos o nosso director, Ex.º Sr. Tomás Rocha dos Santos, que por circunstâncias várias, e entre elas a sua falta de saúde, não pode continuar a escrever para os *Ecos*, motivo por que se despede de seu director.

Sentindo imenso a sua falta nesta gazeta, que não é fácil de suprir, é maior ainda o nosso desgosto por ser a falta de saúde que o impede de continuar a honrar estas colunas com os seus apreciáveis escritos.

E fazendo votos pela sua saúde, aqui deixamos bem nítidos os nossos agradecimentos pelos valiosos serviços que se dignou prestar a esta empresa durante o tempo que nos acompanhou nesta espinhosa tarefa de escrever para o público, bem árdua e espinhosa nos tempos que vamos atravessando.

Por mal dos nossos pecados, e á falta de quem pretenda assumir o cargo, somos forçados, bem contra o nosso desejo, porque não temos tempo nem competência para tanto, a assumir a direcção dos *Ecos de Guimarães*, ainda que *interinamente*.

Não desconhecemos as responsabilidades do cargo. Mas como todo o nosso desejo é fazer justiça a quem a merecer, segundo o nosso critério, dando a Deus o que é de Deus e a Cesar o que lhe pertence, assim iremos andando até que alguém nos substitua, deixando o resto á provada competência dos nossos ilustres colaboradores que sempre nos têm ajudado a levar esta pesada cruz ao Calvário.

O nosso primeiro intento, ao recebermos a carta do nosso presado director, que acaba de abandonar as lides da imprensa neste periodico, que ele viu nascer, foi suspender a publicação. Mas havendo compromissos na administração que não eram faceis de, sem grave prejuizo, fazer liquidar, resolvemos meter ombros á espinhosa missão, e eis-nos guindados ao supremo logar a que, nem por sombras, pelo pensamento nos passou.

Cá estamos, portanto. E aqui nos conservaremos fazendo justiça a todos, embora, por vezes, não possamos ser agradáveis mesmo aos nossos amigos, porque aquilo que julgamos mau, não teremos

duvida em dizermos que é mau, assim como não deixaremos de louvar tudo quanto julgamos digno de louvor.

E, infelizmente, temos mais que verberar do que louvar. E dito isto, está dito tudo.

Antonio Dantas.

## Conselheiro José d'Azevedo

De volta da sua casa de Traz-os-Montes, regressou a Lisboa aquele nosso ilustre e dedicado amigo. Durante a sua estadia naquela região, o sr. Conselheiro José d'Azevedo, logo que se manifestou a epidemia, dizimando muitos dos seus conterrâneos, tomou a resolução nobilissima de exercer a clinica ali, prestando assim importantes socorros medicos com o maior desinteresse e abnegação.

Révela-nos este gesto simpático e benemerito de sua ex.ª, o «Dia» que ao caso se refere n'estes termos:

«O ilustre estadista e nosso presado amigo, sr. Conselheiro José d'Azevedo Castelo Branco, que foi da Granja, em setembro, para a sua casa de Vilar de Maçada (Traz-os-Montes), com sua esposa, afim de assistir ás vindimas na sua propriedade, encontrou grassando ali com a maior violencia a epidemia grippal, pelo que resolveu, desde logo, e abandonando os negocios de sua casa, a entregar-se inteira e arduamente á clinica medica, que exerceu com a maior competencia e sem nenhum interesse, nas povoações d'aquella região, onde os seus colegas medicos não chegavam para o serviço, e acudiu assim a inumeros casos, indo até ás povoações mais remotas, durante muitos dias e noites, tendo a satisfação de salvar muitas vidas.»

## O movimento revolucionario

Um plano dos bandiões

O nosso presado colega «O Tempo», dá-nos os seguintes informes sobre o plano dos revoltosos:

«O movimento revolucionario esteve para rebentar na noite de 13 para 14 de Junho, tendo então fallado, como fallou vario tempo depois, devido ás descobertas dos *complots* feitas em Lisboa e nas provincias.

Depois de marcado varias vezes com incerteza, estava determinado que fosse poucos dias antes de ser descoberto o *complot* de Almada, o que veio transformar todo o plano.

O movimento estalaria em Coimbra. Dali sairiam emissarios com destino ás restantes capitais e localidades mais importantes do país, para que á revolução nelas tivesse eco quasi simultaneamente, devendo o sinal para Lisboa ser dado da Trafaria.

Aqui os locais principais de reunião das forças revolucionarias civis e militares eram: Olivais, Lumiares, Bemfica e Alégs; estando tambem dadas ordens para que os varios grupos, encarregados de diversas incumbencias, cortarem os fios telegraficos e telefonicos, procederem a assaltos aos edificios publicos e particulares, jornais sidonistas, independentes, monarchicos e catholicos, e aos estabelecimentos e depositos comerciais, Bancos, etc., de ataques pessoais ás entidades em destaque na actual situação, monarchicas e outras.

Ao núcleo dos Olivais estava distribuida a missão especial de assaltar os

depositos de Beiroles e o posto de Sacavem.

Ao de Lumiar pertencia a tomada do forte de Ameixoela.

Ao de Bemfica o assalto ao Colegio Militar.

Ao de Alégs o ataque ao palacio de Belem e quartéis proximos, devendo impedir, por todos os meios, a saída ou reunião das forças fiéis daquella zona.

Realizado o cerco á cidade, os revolucionarios cortariam a canalisação principal do estabelecimento de aguas de Lisboa, contando com a vigilancia a seu favor no Barreiro e no Alentejo e preparavam-se para obrigar Lisboa á rendição pela fome e sede.

Concentrando o grosso das suas forças e os contingentes que esperavam das provincias, na linha da Ameixoela e Sacavem, ali firmavam a resistencia, aguardando o ataque das tropas da guarnição ou a sua rendição.

Victorioso o movimento, começaria a chacina, á qual não escapariam as pessoas já citadas e os officiaes da policia, guarda republicana e do corpo de tropas de guarnição, e executariam a *limpeza* nos serviços publicos, de onde afastariam todos os que não fossem democraticos, evolucionistas ou unionistas, para os substituirem por gente da grei.

Só então constituiriam o primeiro governo que, para não podermos atrair os *puros ideais* do movimento, seria assistido pela junta revolucionaria, auxiliada por uma federação dos grupos civis.

Um comité central, constituído por figuras mercantes da republica velha, reunia todos os elementos revolucionarios que os *sub-comités* militares e civis recrutavam por intermedio dos grupos civis, respectivamente nas unidades e nos diferentes bairros de Lisboa e Porto, e nas outras localidades importantes do país.

O tesoureiro geral, *attaché* ao comité central, recolhia todos os donativos para a propagação e a despeza revolucionaria, tendo recebido somas valiosas, de entre as quais se destaca a quantia de 30 contos com que contribuiu em duas parcelas de 15 contos, o ex-presidente Bernardino Machado.

Luiz Galhardo incumbiu-se de fazer chegar a Lisboa e a outros pontos do país algumas dessas importancias.

Muitas casas bancarias reabateram alguns cheques de quantias varias, que foram autorizadas, principalmente para as despesas com fabrico de bombas e compra de punhais e pistolas.

As bombas eram de tipos diversos, mas na sua quasi totalidade, eram de ferro com tampões, ligados por fortes parafusos e com rastilho ou de cobre ou de percussão.

A metralha e armamento estava reunida e n'os depositos principais nos locais de concentração e tambem em outros depositos menos importantes.

## Na Casa High-Life

Domingo, 3 de Novembro —  
Abertura da estação de inverno.  
Exposição das mais recentes novidades para a presente estação.

Chapeus para Senhora e Creança.  
Ver a exposição á noite.

## Subscrição Nacional a favor dos prisioneiros portugueses

E' consolador ver que a subscrição a favor dos prisioneiros portugueses atingisse em Lisboa até hoje a importante quantia de 82.015\$590.

Todos os dias o importante jornal de Lisboa e nosso colega «Diario de Noticias», iniciador da subscrição, descreve a situação angustiosa em que se encontram os nossos irmãos cativos na Alemanha. E isso basta para que ricos e pobres se apressem a ir á redacção daquelle nosso colega subscrever com o seu donativo

para minorar a sorte de tantos infelizes que lá foram passar verdadeiras privações.

Algumas pessoas vieram já em auxilio dos pobres prisioneiros portugueses e de esperar é que outros lhe sigam o exemplo.

Redacção dos «Ecos de Guimarães»	1\$000
Francisco de Faria, (Correspondente do «Diario de Noticias»)	2\$500
Francisco Joaquim de Freitas	\$500
Capitão Abreu Lima	1\$000
Casa High-Life	1\$000
José Pinheiro	1\$000
Dr. João Rocha dos Santos	5\$000
Mario Vieira	3\$000
Antonio Augusto d'Almeida Ferreira	1\$000
Armando da Costa Nogueira	\$500
D. Carolina Teixeira Pereira	5\$000
Antonio de Freitas Ribeiro	2\$500
	24\$000

A todos que se dignarem avolumar esta subscrição, muito agradecida fica a redacção dos «Ecos de Guimarães», certa de que eguaes agradecimentos lhe serão dados por aqueles para quem vimos solicitando o valioso concurso de quem nos lê.

## Carteira Elegante

Aniversarios

No mez de novembro fazem anos as seguintes senhoras e cavalheiros:

- DIA 1  
D. Maria do Carmo de Melo Breiner.  
D. Augusta Jorge.
- DIA 7  
D. Olimpia Coelho Tropa.  
Dr. José Ricardo de Freitas Ribeiro.
- DIA 8  
Carlos Maria Vieira Ramos.
- DIA 9  
D. Maria Ana de Melo Sampaio (Pombeiro).
- DIA 10  
Visconde de Viamonte da Silveira.
- DIA 11  
Americo San Romão.
- DIA 12  
Duarte Pinto Coelho Simões.
- DIA 14  
D. Maria José Lobo Machado e Couros de Tavares Ferrão.  
D. Elvira Gomes Ferreira Dias.  
Joaquim Martins de Menezes.
- DIA 15  
D. Maria Tereza de Barros da Rocha Carneiro.
- DIA 18  
D. Violante de Barros.  
D. Albertina Pereira Ferreira Mendes.  
D. Narcisa Ramos.  
Dr. António Coelho da Mota Prego.
- DIA 19  
D. Helena Soto-Maior Felgueiras Martins de Menezes.
- DIA 20  
D. Maria José Viamonte da Silveira.
- DIA 20  
Condessa de Caravelos.  
D. Lucia de Sequeira Braga Leite de Faria.
- DIA 21  
D. Maria do Pilar Carvalho Sampaio da Cunha Pimentel.  
Dr. Luiz Carlos de Lima de Almeida Braga.
- DIA 21  
D. Noemia Loureiro.  
Dr. Filipe Augusto de Noronha Freire de Andrade.
- DIA 23  
D. Adelaide Vasco Lião.  
Abilio José da Cruz.
- DIA 24  
D. Beatriz Monteiro de Meira.  
D. Josefa Adelaide de Meira.
- DIA 27  
D. Maria de Oliveira Corrêa de Matos.  
D. Julia Amelia de Andrade Tropa Ramos.
- DIA 28  
D. Adelaide Sofia dos Santos Vasco Lião.  
Dr. José Julio Vieira Ramos.  
Fernando Peixoto de Bourbon (Lindoso).
- DIA 29  
D. Josefa Carolina de Matos Chaves.  
Dr. Francisco Pinheiro Torres.
- DIA 30  
D. Antonia Margarida Infante.

## Secção literaria

### A CHUVA

Chove...  
E os pobrezinhos... E a gente que não tem abrigo...  
Meu Deus!

Quando chove lembra-me sempre aquela scena horrível que já me contaste, junto da lareira, num dia de inverno, quando a chuva que fustigava as nossas janelas, nos incutia um medo estranho e desesperador.

Só o vento naquela noite de temporal cortava a sua canção monotona e triste, canção dos cemiterios!

Era na nossa aldeia. O inverno fóra tão rigoroso que tudo se perdera.

Pobres e ricos, unidos pelo mesmo vento de desgraça, contemplaram submissos o ceu—e o ceu tornara-se azul...

Passára-se isto no inverno de ha muitos anos. A noite era talvez semelhante a esta.

Um pouco mais intensa corria a chuva, um pouco mais triste cantava o vento.

Entre pinheiros distantes ao fundo da serra, havia uma pequena cabana, sem tectos solidos porque o vento e a chuva na sua furia destruidora tinham levado ao sabor da tempestade, o abrigo daquella familia.

Enaquella noite de chuva, por tecto tinham um ceu cheio de nuvens ameaçando derrubar o mundo.

A trovoadá começára pela tarde. Serra a baixo corriam rios de agua e na pobre cabana a mãe agarrada a três filhos chora, pedindo a Deus o regresso do marido que a tempestade colhiera em plena serra, quando apanhava lenha, para atear a fogueira que as primeiras gotas de agua apagaram. A noite era já densa pela serra. Ouviam-se os gemidos dos lobos, que esfomeados desciam á aldeia em procura de victimas.

O vento era louco em seu cantar.

As creancinhas gemiam.

A pobre mãe soluçava baixinho, cobrindo com a sua pouca roupa o corpo dos innocentes.

A chuva aumentára em sua furia.

O povoado era muito distante, como chegar lá se ele era inundado. Ficar era morrer!

E o marido pela serra perdido! A trovoadá aproximava-se lentamente.

Ouvem-se trovões. O ceu illumina-se. A mãe ajoelha os filhos, implora a Deus...

Rezam.

A chuva cai. Uma faisca entra na cabana fulminando a pobre mãe, poupando os filhos, enlucando o pai que, a muito custo, conseguia nesse instante alcançar a cabana, arrastando um pezado fardo de lenha para aquecer a familia...

Que espectáculo aquele.

Inconsciente a chuva caia, destruindo tudo, escolhendo novas victimas!

Hoje, recostado junto da lareira recordo inconscientemente esta scena que tu me contaste.

Um arrepiou gelou-me o corpo. Os pobrezinhos...  
A esta hora quantas desgraças pelo povoado!  
E a chuva continua, meu Deus, e os pobrezinhos sem abrigo!



NOTICIARIO

Aos nossos assinantes

Apezar de termos dito no último número que, estando doentes cinco gráficos da Minerva, em que é impresso o nosso semanário, talvez nos não fosse possível publicar o presente número, os três que restavam, tendo melhorado o impressor e retomado o serviço, resolveram atirar-se á composição com todo o afan, de forma que até se antecipou o dia da publicação, por nos convir que elle continue a publicar-se ás quintas-feiras, em vez de aos domingos. Esperamos portanto que os nossos prezados colaboradores nos enviem os originaes no começo da semana, para que cheguem a tempo.

Uma generosa oferta

do sr. dr. Leite de Faria do nosso querido colega A. Ordem.

O illustre medico catolico e nosso querido amigo sr. dr. Leite de Faria acaba de nos enviar a seguinte carta, que vem patentear mais uma vez os primorosos dotes do seu cotação e a gentileza da sua alma de catolico, e para a qual chamamos a attenção dos nossos leitores:

Sr. Redactor. — Ha três semanas saí de Guimarães, onde durante 24 anos exerci clinica, para depois de regressar do Congresso Medico de Madrid, ao qual tencionava apresentar um trabalho sobre auscultação pulmonar e os raios X, me fixar em Lisboa a fim de continuar a estudar, instruindo-me mais e acompanhando de perto a educação litteraria de meus filhos.

Dirigi-me ás auctoridades sanitarias civis e militares, a alguns professores da Faculdade de Medicina, ao Director Geral dos Hospitais Civis de Lisboa, visitei alguns dos Hospitais de isolados, sendo por toda a parte bem recebido; mas o meu grande desejo de estudar num hospital especial a clinica da epidemia, como se fosse numa clinica escolar, onde se recorresse a toda e variada gama de pesquisas laboratoriais e de semiotica e puzesse em acção todo o arsenal terapeutico, não deixando de tirar das necropsias o melhor dos ensinamentos clinicos, não o pude realizar...

E no entanto ha 25 anos que não me tenho poupado a sacrificios de toda a especie, no paiz e no estrangeiro, para acompanhar o incessante progredir das sciencias medicas e para procurar fazer algum bem aos meus concidadãos.

E já agora assim hei de morrer. Todos os jornais de Lisboa se queixam da falta de medicos na cidade.

No Hotel Borges tem os habitantes da capital mais um medico ao seu dispor, que a todas as horas do dia ou da noite poderá ser chamado por pessoas de todas as classes e condições sociais, tanto pelos pobres, como pelos ricos.

Emquanto puder e enquanto durar a epidemia não abandonarei o meu novo posto.

Não espero sequer pela minha instalação provisoria num consultorio, porque, com a actual falta de casas em Lisboa, não sei quando será possível obtello.

Se poder curar mais alguns doentes ficarei com a consciencia tranquila.

Sou de V. etc.

A. B. Leite de Faria.

Ver domingo a Exposição na Casa High-Life

Os enterros de noite

Para obstar ao contagio da epidemia que assustadoramente assentou atráais entre nós, resolveu a autoridade administrativa, a bem da saude publica, logo de principio, mandar fechar os templos aos domingos e dias festivos da igreja e proibir os espectaculos.

Mais tarde, e a bem, tambem, da saude publica, ordenou que os enterramentos se fizessem de noite, naturalmente para não assustar os passarinhos que de dia nos mimoseiam com os seus gorgeios.

Se a primeira resolução foi um pouco fora de proposito, e bem mal pensada, porque quem se sente incomodado não vai assistir aos actos religiosos para as igrejas, nem aos espectaculos para os theatros, a segunda foi de resultados negativos e até contraproducentes.

O sr. administrador do concelho sabe muito bem que em Guimarães, como afinal em todo o paiz, há o costume de acompanhar ao cemitério as pessoas queridas, e tambem as visitas de pesames a casa dos doridos.

Não deve desconhecer tambem que é de uso mandar, cedo, os cadaveres para as igrejas, onde se realizam os funerais, e onde costumam concorrer as pessoas que desejam prestar as suas homenagens ás pessoas de sua estima a quem chega a vez de dar contas a Deus.

De forma que, fazer estacionar em suas casas, até ás 8 ou 9 horas da noite, os cadaveres, é bem mais perigoso para a saude publica do que atravessarem as ruas de dia os préstitos fúnebres.

Procurando evitar o horror que causam esses préstitos fúnebres de dia, avolumam-se de noite, porque ainda desperta mais a attenção o lúgubre espectáculo do acompanhamento.

E essas pessoas que acompanham, a pé ou de carro, porque é necessario que alguém acompanhe os cadaveres, não se expõem ao perigo muito mais de noite que de dia?

Quer-nos parecer que sim, e que não haverá um único medico que seja capaz de nos provar o contrario.

Portanto, o sr. administrador do concelho, que sabe muito bem que nós estamos ao seu lado para tudo quanto seja justo e digno, para tudo quanto seja razoavel e de bom senso, hade desculpar-nos por lhe dizermos as coisas que se nos afigurem irregulares e contraproducentes pelo seu proprio nome, se bem que isso nos pese, pois só queriamos ter motivo para o louvar e engrandecer aos olhos dos seus administrados, e não de o depreciar ou deprimir.

Ora tendo sua ex.<sup>a</sup> emendado a mão quanto ao primeiro caso do encerramento das igrejas e das casas de espectaculos, é bem que a emende, e já, quanto aos enterramentos de noite, consentindo, mandando e ordenando até que eles se façam a qualquer hora do dia, e deixando isso ao critério de cada um dos doridos. E fazendo isto, não nos parece que faça grande coisa.

No Porto, onde grassa a mesma epidemia, têm funcionado as casas de espectaculos todos os dias, não se encerraram os templos, e lá se estão fazendo os enterros de dia, não nos constando que isso tenha dado causa ao desenvolvimento da epidemia.

Depois de composto o que acima ficamos informados de que se achava afixado um edital que proibe os enterramentos de noite, ordenando que elles se façam de dia. E' tão louvavel este procedimento da autoridade administrativa que não podemos deixar de lhe manifestar o nosso agrado por tal acto. E sua ex.<sup>a</sup> bem sabe que andou, agora, acertadamente.

Benemerencia

Nas últimas duas semanas recebemos do sr. Administrador do concelho 25 senhas, do valor de 500 reis cada uma, para distribuir pelos pobres a quem a gripe bronco-pneumónica tivesse visitado, e ainda por aqueles que estivessem em convalescência da terrivel e devastadora epidemia.

Cumprimos a incumbência o melhor que nos foi possível, mas não é apetecivel semelhante tarefa quando não chega para todos o obulo beneficiador.

Em nome dos contemplados agradecemos reconhecidos a generosa oferta, não podendo deixar de louvar não só os oferentes, como aqueles que, de qualquer forma, directa ou indirectamente, se lembram dos pobres em momento tão affluivo.

Mais um acto de caridade, praticado com muitos que suas ex.<sup>as</sup> tem praticado, acaba de ser dispensado á pobreza desta cidade pelo sr. José Marques Coelho e sua ex.<sup>a</sup> esposa Senhora D. Leopoldina Coelho.

Para minorar o sofrimento dos desprotegidos da sorte acabam suas ex.<sup>as</sup> de mandar entregar a quantia de 100000 reis a cada um dos párocos das freguezias da Oliveira e S. Sebastião e 50000 reis ao da freguezia de S. Paio, para, em esmolas de 500 reis, serem distribuidas pelas viúvas pobres que, devido á epidemia que avassala este bom povo, ficaram em precarias circunstâncias.

Actos destes não precisam de encomios. Basta relatá-los para que sejam conhecidos.

José Machado

Mais um amigo dedicado e cor-religionario dos mais queridos que desapareceu! José Machado — o honrado moço e bemquisto industrial que tão estimado era no nosso meio — morreu, victima da epidemia reinante. Mal pensaríamos nós que tão cedo teriamos o cruel desgosto de, nestas columnas, prantear a sua morte! Era robusto, saudavel e muito novo ainda, o que nos fazia crer que a sua existencia seria longa. José Machado, se não teve na sociedade um logar de destaque nem foi um politico em evidencia, foi, contudo, um elemento de muito valor na defeza da ordem e um destemido e arrojado monarchico. Foi tambem uma vitima dos odios jacobinos e, por isso, lá esteve nas prisões por occasião do movimento monarchico de 1912. Ainda ha dias, quando da ultima intentona democratica, elle que estava na sua aldeia a descansar da labuta diaria, logo appareceu aos primeiros rumores da revolução. Vimol-o chegar — ofegante e alagado em suor por ter feito, a pé, e sob um sol ardentissimo, o percurso que vai de Pombeiro a Guimarães!...

— O estimadissimo moço morreu, deixando mergulhados na maior saudade, a sua desolada viúva, dois filhinhos queridos e os seus numerosos amigos.

Aqui fica, em rapidas palavras, o perfil moral do nosso saudoso amigo. Que Deus lhe abra tão amplamente os braços como elle os abria para todos os seus amigos e lhe dê junto de si o eterno descanso.

Paz á sua alma e pesames aos doridos.

Os seus funeraes realizaram-se hoje, na igreja de S. Francisco, perante numerosa assistencia de amigos do finado. O cadaver foi transportado ao cemitério no carro funerario tirado a duas patellas.

Organisaram-se diversos turnos tendo tomado a chave do atalide o sr. dr. Henrique Cardoso M. de Menezes (Margaride).

Bando precatório

A simpatica e humanitaria corporação dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães, de acôrdo com a digna autoridade administrativa, fez no dia 17, pelas ruas da cidade, um bando precatório em favor do hospital de pneumónicos, colhendo para cima de 500000 réis.

Acompanhava o bando a Banda de infantaria 20 e a Nova Filarmonica Vimaranesa, as quais executaram, durante o trajecto, algumas marchas fúnebres.

Liceu Central

Pelo que lemos nos jornaes de hontem, parece que vai ser elevado á categoria de Central o nosso liceu.

Se é verdade, com isso muito nos congratulamos, pois que é a satisfação de uma velha aspiração dos vimaranenses.

De luto

Por falecimento dum seu irmão, encontra-se de luto o sr. João Rodrigues Loureiro, considerado industrial vimaranense e digno vereador da Camara Municipal. Os nossos sentimentos.

As armas e munições des revolucionarios

Foram fornecidas por uma casa alemã

PARIS, 19. — Sabe-se de fonte autorisada que uma grande parte das armas e munições apreendidas aos organisadores da recente tentativa revolucionaria contra o governo do sr. dr. Sidonio Paes foram enviadas para a fronteira portugueza por uma casa alemã. Causou profunda sensação a prontidão e energia com que foi dominada a tentativa revolucionaria, esperando se com confiança a eficacia das medidas tomadas pelo governo portuguez, afim de pôr termo a esta constante agitação que torna impossivel toda a colaboração séria de Portugal nos negocios internacionaes. — Fast.

Traidores!

E depois nós é que somos os germanofilos!!!

O destino dos presos implicados na ultima intentona

Foram nomeados os srs. coronéis França Junior e Vasconcelos para procedêrem á inquirição dos presos e formarem os respectivos processos. Segundo consta, os presos serão classificados por este modo:

Os considerados dirigentes entregues ao governo que lhes dará o destino que entender; os militares, tanto officiaes como soldados, serão enviados nas primeiras tropas a seguir para o campo de batalha; os que tiverem tido já contas a ajustar com a justiça serão julgados como individuos de cadastro, e os restantes entregues aos tribunaes militares.

Bem entendido que isto succederá, — se succeder! — com os que a esta hora não foram já postos em liberdade.

Liceu Martins Sarmiento

Está aberta a matricula para o 6.º 7.º ano neste liceu até ao dia 10 de novembro.

Ex. mo Sr.

EXPEDIENTE

Já foram enviados para as respectivas estações postais os recibos das assinaturas em divida até ao número 234, ultimamente publicado.

Esperamos que todos paguem, pontualmente, esses recibos, pois que a falta de pagamento nos prejudica e transtorna extraordinariamente os serviços de administração, duplicando o serviço e as despesas de cobrança.

Aos nossos assinantes do concelho, onde a cobrança não pode ser feita pelo correio, rogamos a fineza de mandarem pagar na administração, rua de Paio Galvão número 70, o que agradecemos muito reconhecidos.

ANUNCIOS

Oficio decente

Ensina-se dando alguma remuneração. L. DO TOURAL, 68.

Passa-se a Merceria Traz de S. Paio, por o seu proprietario ter de mudar para a Corredoura. Está bem afreguezada. Rua de S. Paio, 45 — Guimarães.

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

Sociedade Anonima de Responsabilidade Llm. (2.ª publicação)

Pelo presente se anuncia que D. Elvira Ribeiro de Faria, Francisco Ribeiro de Faria, Dr. Alberto Ribeiro de Faria, D. Josefa Ribeiro de Faria Abreu casada com Ovidio de Faria Sousa Abreu, João Ribeiro de Faria, D. Maria Ribeiro de Faria Ramos casada com Manuel Ramos, Alvaro Ribeiro de Faria, D. Emilia de Faria e Silva casada com Sebastião Ribeiro da Silva pretendem se averbem a seu favor nesta Companhia e em comum as obrigações prediais de 6 % numeros 132.409, 132.418, 172.863, 172.864, 173.985, 173.986, 182.316, 183.298, 183.561, 192.726, 192.727 e 193.136, que lhes pertenceram como herdeiros de seu pai e sogro Antonio Ribeiro de Faria.

Todas as pessoas que se julgarem com direito a impugnar este averbamento deverão deduzilo perante o Governador da Companhia dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste anuncio, sob pena de não serem depois atendidas.

Lisboa, 10 de Setembro de 1918.

Pela Companhia, o Vice-Governador, (ass.) Amadeu V. Mesquita.